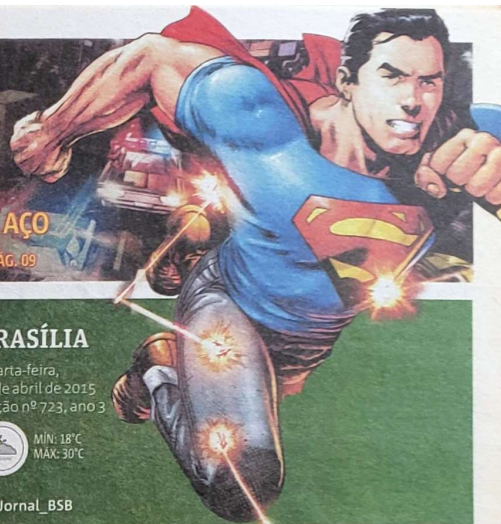


**SÃO PAULO PEGA
O SAN LORENZO EM BUSCA
DE ALIVIO NO 'GRUPO DA
MORTE' NA LIBERTADORES** PÁG. 16

**CORINTHIANS BUSCA
VITÓRIA CONTRA O DANÚBIO.
EM SÃO PAULO, PARA SELAR
CLASSIFICAÇÃO** PÁG. 16

**FIRME
E FORTE**

**EM 680 PÁGINAS, O HOMEM DE AÇO
SEGUNDO GRANT MORRISON** PÁG. 09



metro®

BRASÍLIA

Quarta-feira,
1º de abril de 2015
Edição nº 723, ano 3



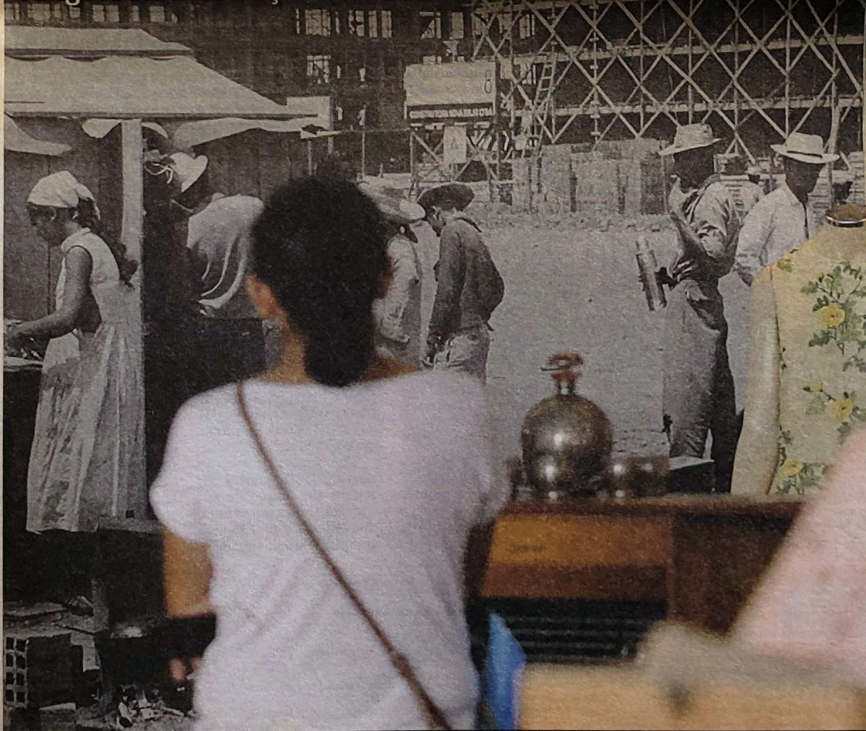
MIN: 18°C
MAX: 30°C

www.readmetro.com | leitor.bsb@metrojornal.com.br | www.facebook.com/metrojornal | @MetroJornal_BSB

POEIRA, BATOM E MELANINA

Duas exposições resgatam o papel de mulheres
e negros na construção de Brasília

PÁGS. 10 E 11



Visitantes observam imagem de grupo durante a construção dos prédios dos ministérios, em uma Esplanada ainda em formação. ANDRESSA AMBOLKE/UTV, METRO BRASILIA



Manifestação contra a PEC

CCJ libera PEC sobre redução da maioridade penal

A proposta, que reduz de 18 para 16
anos a idade para responsabilização
criminal, agora vai a Comissão Especial
antes de ir a plenário na Câmara

PÁG. 03

Youssef: R\$ 400 mil foram entregues em frente à sede do PT

Doleiro diz que funcionário entregou o
dinheiro, que iria para João Vaccari, na
porta da sede paulista do partido

PÁG. 02

União têm rombo de R\$ 7,4 bi em fevereiro

É o pior resultado em 19 anos. Estados
e municípios, porém, pouparam

PÁG. 07

'Pacote de maldades' esbarra nos aliados

A própria base do GDF na CLDF empaca
medidas como aumento do IPTU

PÁG. 06

Criadores da cidade e da sociedade

Exposições. No mês do aniversário de 55 anos, Brasília recebe duas mostras sobre os bastidores da construção da capital e do

cotidiano dos candangos. A primeira sobre a memória feminina, no Congresso, e a segunda relembrando a trajetória do negro na nova capital, no Buri

Como era ser negro na época da construção?

O Arquivo Público do DF serve para guardar os documentos preciosos, mas eram a força motriz nos canteiros de obra — e até no abastecimento de produtos da cidade, como os doces vindos dos quilombos. Atualmente em cartaz no Palácio do Buri, a exposição, que celebra também os 30 anos do Arquivo Público do DF, estará no Museu Histórico de Brasília, na Praça dos Três Poderes, a partir da sexta que vem — onde segue até maio.

A segunda mostra resgata a memória das mulheres na construção de Brasília — muitas delas, inclusive, negras. Com réplicas de casas e ambientes de trabalho das candangas, a exposição foi criada com base nos arquivos pessoais de 50 mulheres que adoram o DF como sua terra. A exposição fica em cartaz no Salão Negro do Congresso Nacional até 30 de maio.

BRUNO BUCIS
METRO BRASILIA

80%

dos trabalhadores que viviam em Brasília em 1957 eram negros ou pardos.



Nos canteiros de obra, os trabalhadores conviviam com condições precárias de segurança. | DIVULGAÇÃO/ARQUIVO PÚBLICO

o que levou incontáveis deles à morte. Além das edificações do centro da capital, foram mãos negras as

responsáveis por levantar as primeiras construções de acampamentos, como a Vila Planalto e na Cidade Livre,

atual Núcleo Bandeirante. Além das 20 imagens expostas nos painéis, há registros das carteiras de trabalho

dos profissionais, com ocupações que eram comuns à época, como auxiliares de maquetista, datilógrafos, telefonistas e leitores de carta — profissão exercida pelos poucos alfabetizados. Na exposição também é exibido um curta de 13 minutos sobre o processo de pesquisa para a produção da mostra, em que são agrupados os relatos orais de pioneiros que falavam do sentimento de pertencimento ao novo lugar.

"Essa exposição foi criada a longo do ano passado e feita apenas com pesquisa no arquivo — o que mostra as possibilidades diversas que a instituição tem de oferecer novos olhares", afirma Marta Célia Vale, superintendente do Arquivo Público e responsável pela montagem da mostra. "Pretendemos fazer outros eventos comemorativos ao longo do ano explorando essas vertentes, como palestras e outras mostras", afirma. © METRO BRASILIA

A ajuda que vinha dos quilombos goianos

Um ponto crucial da história da cidade era desconhecido até pelos especialistas. Quilombos goianos instalados há séculos nas redondezas do DF, em especial o Mesquita, na hoje Cida-

de Ocidental, forneceram suprimentos para a capital que era construída. Foram eles os responsáveis pela ampliação da produção agropecuária na região e pelos primeiros

comércio de frutas, verduras, carnes, leite e doces — em especial o melado, até hoje fabricado na região. Os mantimentos chegavam até o DF em carros de boi. © METRO BRASILIA

"Foi uma descoberta curiosa mesmo para nós. É uma parte da história que ficava escondida."

MARTA CÉLIA VALE, SUPERINTENDENTE DO ARQUIVO PÚBLICO DO DF



Cotidiano dos negros na nova capital

A mostra exibe fotos da rotina nos diversos acampamentos, entre eles a Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante, incluindo os momentos de descontração em que o preconceito com os "de cor" — muito comum nos anos 1960 — era esquecido. As precárias condições de trabalho são lembradas por alguns desses operários e registrados no programa de história oral do arquivo. | DIVULGAÇÃO/ARQUIVO PÚBLICO DO DF

Serviço
Bonito de se ver, difícil de se visitar

Aberta no último dia 20, a exposição sofre com o calendário de eventos do Palácio do Buri. Na segunda e ontem, por exemplo, os painéis foram retirados para receber eventos do executivo local. Antes de ir, portanto, é sempre bom ligar no 3316-4111. A visitação é das 8h às 18h até a quinta da semana que vem. Na sexta, dia 10, a mostra segue para a Praça dos Três Poderes, onde ficará montada no Museu Histórico de Brasília (onde há o busto de JK) até 30 de maio, diariamente, das 9h às 18h. © METRO BRASILIA

Tinha batom no meio da poeira dos canteiros de obra da cidade

"A gente nem falava em mulheres, eram assim, parece que uma coisa à parte", conta a pioneira Luiza de Souza, chegada em Brasília em 1959, no vídeo de apresentação da exposição 'Memórias Femininas da Construção de Brasília', em cartaz no Salão Negro do Congresso Nacional.

O objetivo da mostra é resgatar a memória da presença feminina nos primeiros anos de Brasília, que geralmente fica de fora dos estudos. A exposição, porém, mostra que elas não só estavam aqui, como trabalharam muito para que a cidade fosse construída.

Essas mulheres candangas chegaram em Brasília enquanto a cidade ia vivendo a transformação do canteiro de obras para a cidade do futuro. Muitas vieram acompanhando seus maridos, porém outras vieram para trabalhar de forma independente na capital. As mulheres eram marmiteiras, secretárias, lavadeiras e até serventes nos canteiros, cuidando principalmente dos acabamentos dos prédios. Elas viviam sem água, luz ou esgoto, na maior parte das vezes sendo responsáveis por

"Essas pessoas não construíram só uma cidade, era a criação de uma sociedade. O mínimo que a gente pode fazer é essa retribuição."

TÂNIA FONTENELLE, CURADORA

cuidar dos filhos e por fazer pequenos trabalhos no turno contrário, encontrando ainda tempo para cuidar da beleza e da maquiagem no meio da poeira vermelha da capital. "Eram todas mulheres corajosas e, principalmente, à frente de seu tempo", afirma a curadora da exposição, Tânia Fontenelle, que foi a responsável por reunir entre 50 pioneiras o acervo de objetos presentes na mostra. "O meu objetivo é mostrar que, apesar das adversidades, eram mulheres, eram pessoas felizes. Elas iam a bailes, ao lago e criaram não só seus filhos aqui, criaram o próprio aqui", afirma. © METRO BRASILIA



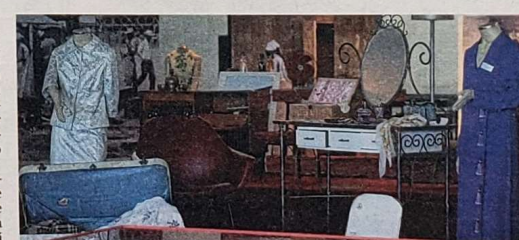
Mulheres eram, entre outros ofícios, marmiteiras. | ANDRESSA ANHOLTE/METRO BRASILIA

Réplicas de casas fazem o visitante mergulhar na rotina das candangas

O grande destaque da mostra são as réplicas de ambientes em que as mulheres conviviam no início da capital. Os ambientes foram recriados usando móveis e aparelhos da época, preservados pelas próprias pioneiras e também por instituições como o Museu Vivo da Memória Candanga e o Arquivo Público do DF.

Entre os 60 objetos emprestados estão abajures de Oscar Niemeyer e joias de Burtie Marx. Eles compõem uma profusão de cenários: há uma sala de aula, uma incubadora para recém-nascidos do primeiro hospital de Brasília, os móveis de banho — biquinês eram um escândalo.

O destaque da exposição fica realmente para as vesti-



Vista geral da exposição mostra os diversos ambientes que foram remontados na mostra. | ANDRESSA ANHOLTE/METRO BRASILIA

mentas. Lá estão vestidos de Dener, o célebre costureiro dos primeiros anos da capital, além de roupas do dia a dia das mulheres, todas

bem preservadas. Entre os objetos, são destakues a radiola do tamanho de um armário, o secador de cabelo guardado em uma ma-

la semelhante à de uma fudeira, e os tachos de barro em que eram servidas as refeições nos canteiros de obra. © METRO BRASILIA



Roupa antiga do governador

Uma das mulheres que doou material para a exposição foi Teresa Rollemberg, mãe do governador. Lá estão os cinco macacões com que ela batizou seus 15 filhos, entre eles Rodrigo Rollemberg. | ANDRESSA ANHOLTE/METRO BRASILIA



Ofícios que desapareceram

Além de residências, a exposição traz instalações de como era o trabalho em 1960. Lá estão escritórios que já não existem mais, como o da datilógrafa, e outros que mudaram completamente, como o da telefonista (na foto). | ANDRESSA ANHOLTE/METRO BRASILIA

Exposição terá até desfile de pioneiras

A mostra fica em cartaz no Salão Negro do Congresso (a autorização de entrada deve ser pedida no Senado), até 30 de maio. A visitação é gratuita, de segunda a domingo, das 9h às 17h30. Vale a pena ligar no 0800 61 22 11 antes de ir, pois em alguns dias de votações importantes o acesso ao prédio fica restrito. Além da programação normal da mostra, porém, há uma série de atividades paralelas. No dia do aniversário da cidade, 21 de abril, haverá um desfile com as mulheres pioneiras usando roupas

originais da época. Já em 15 de maio, um novo encontro reunirá as participantes da exposição para um chá e para relembrar as histórias da época da construção da cidade.

Colabore você também
Para mulheres pioneiras ou para os descendentes que tiverem fotos das candangas nos primeiros anos da cidade (entre 1957 e 1972), os registros podem ser enviados para a curadora da mostra, Tânia Fontenelle, no e-mail: taniafontenelle@gmail.com. © METRO BRASILIA